



CONHECENDO O INIMIGO INTERNO

A. De Lannes

"A tarefa da união da juventude consiste em realizar sua atividade prática de modo que permita aprender, organizar, grupar, lutar e converter em comunistas seus membros e todos os que a reconhecem como guia. Toda a educação, toda a instrução e toda preparação da juventude contemporânea deve inculcar-lhe a moral comunista."

LÊNIN — 1920

O Movimento Comunista Internacional (MCI) coloca como uma das suas tarefas mais importantes, e não menos demoníacas, a subversão da juventude. De longa data os comunistas conhecem o valor das gerações novas para o futuro de uma nação. Conquistar a juventude significa investir seguramente no sucesso do comunismo a médio ou longo prazo.

O idealismo do jovem, somado ao seu despreparo para a vida, permite uma manipulação que os comunistas realizam sem o menor escrúpulo e com a maior prioridade.

O artigo que se transcreve nesta seção é uma amostra do que os comunistas são capazes de fazer com os jovens.

O JOVEM E A SUBVERSÃO

INTRODUÇÃO

Talvez não exista, atualmente, nos países democráticos, mais sério proble-

ma de ação subversiva, por seus efeitos amplos, profundos, duradouros e de maior alcance do que a gradual e insidiosa penetração da subversão comunista no seio da juventude e, em particular, da grande massa estudantil.

Não tem escapado aos analistas mais perspicazes que os marxistas-leninistas desviaram o esforço da doutrinação política e do trabalho de propaganda do proletariado industrial para dirigi-lo sobre a mocidade, pois consideram que, em nossos dias, os jovens constituem a mais importante força social que a revolução comunista mundial pode utilizar, como detonador da luta expansionista do bolchevismo.

Mas são os próprios comunistas que o confessam. Assim, Porfírio Miranda afirma: "Nunca houve, no mundo, uma classe como a dos estudantes, tão numerosa, tão aparelhada qualitativamente de conhecimentos e de elementos de julgamento, tão independente e livre economicamente para a revolução marxista".

E Stalin explicava: "A juventude é livre do peso do passado e assimila, melhor do que ninguém, os preceitos leninistas. É justamente por causa disso, por assimilar melhor do que ninguém os preceitos leninistas, que a juventude está convocada a impulsionar os desanimados e vacilantes".

A Komsomol leninista, organização política da juventude soviética, é o paradigma. É considerada como a vanguarda do movimento juvenil comunista internacional.

Em todo os países, comunistas ou democráticos, organizações ostensivas, disfarçadas ou clandestinas, procuram difundir a doutrinação comunista e conduzir os jovens aos variados caminhos do marxismo-leninismo.

Não é pois figura de retórica o afirmar-se que, em nossos dias, se travam, na área da juventude, as batalhas mais importantes dessa multiforme disputa entre os sistemas políticos.

Se fizermos um retrospecto da atividade subversiva no País, nos últimos anos, com base nos dados disponíveis nos Órgãos de Segurança e Informações, constataremos que um elevado número de jovens milita nas organizações subversivas e, mais ainda, muitos dos que hoje, em idade adulta, militam nestas organizações, foram aliciados durante a sua juventude.

No decorrer de 1975, constatou-se novamente um grande número de jovens, particularmente de nível universitário, integrando os diversos organismos do Partido Comunista Brasileiro — PCB, os quais, pode-se afirmar, sem medo de errar, constituem hoje a viga-mestra da organização. Sentindo o envelhecimento de seus quadros profissionais, o PCB criou um "Setor Jovem" e "Comitês Universitários", que nada mais significam que a reestruturação da antiga União da Juventude Comunista — UJC. Aqueles que maiores pendoros apresentaram, foram encaminhados à ESCOLA DE QUADROS na URSS para Curso de Capacitação Política, isto é, para a preparação dos futuros profissionais da subversão.

Na elaboração do presente relatório foram feitas transcrições ou anexados depoimentos, cujos autores são omitidos, por razões óbvias, exceto daqueles que renegaram publicamente a subversão.

O COMBATE À SUBVERSÃO

É inegável que o Movimento Comunista Internacional — MCI — procura, por todos os meios, realizar uma campanha insidiosa e constante de solapamento da estrutura social e política do País, uma verdadeira agressão perpetuada, financiada e coordenada do estrangeiro. Este fato somente é negado por ingênuos ou por elementos interessados, por estarem diretamente envolvidos nesse processo. É por si só justificável, portanto, a atuação do Estado contra esse tipo de agressão.

Entretanto, no que concerne à subversão, há duas maneiras de combatê-la: de *forma preventiva* ou de *forma repressiva*. A primeira dirige-se às suas causas; a repressiva, às suas conseqüências. O ideal, por ser muito mais eficiente, é combater o mal em suas origens, impedir o seu surgimento e crescimento, em vez de procurar extirpá-lo ou combater suas perturbações após o surgimento. É muito mais seguro e eficaz imunizar um corpo, do que curá-lo após contrair a moléstia. Se no caso da doença física isso é difícil, no caso da doença social torna-se muito mais complicado.

Como dissemos, a subversão é uma doença da sociedade, cujas causas precisam ser previamente diagnosticadas. Lamentavelmente, em um país de dimensões continentais, com problemas crônicos, torna-se mais difícil tal diagnóstico.

Se as causas forem diagnosticadas e adotadas medidas preventivas efetivas, a repressão será episódica. Em outras palavras, o peso do combate, o esforço principal caberá à ação preventiva e a ação repressiva será destinado um papel secundário.

A repressão será sempre necessária, não tenhamos ilusões a respeito, pois a ação preventiva não elimina os desgarrados e os estróinas — refratários ao tratamento preventivo — os *velhos militantes* e os já contaminados. Entretanto, a repressão desempenhará um papel complementar, será um acessório da ação preventiva.

Após o 31 Mar 64 e o 13 Dez 68, como não poderia deixar de ocorrer, o esforço foi canalizado para a extirpação do mal. Havia um "câncer social" que ameaçava rapidamente tomar conta de todo o corpo nacional e era preciso que fosse extirpado. Teriam que prevalecer, como de fato prevaleceram, inicialmente, as medidas de caráter repressivo. Entretanto, hoje, concomitantemente com a repressão, deve ser dada uma atenção prioritária ao combate preventivo, sem o que, num futuro próximo, teremos imensas dificuldades para combater a subversão.

PORQUE O JOVEM ABRAÇA A SUBVERSÃO

Na pesquisa das razões que levam o jovem à subversão está a chave de todas as medidas que precisam ser tomadas para evitar o aliciamento do jovem inexperiente e desavisado.

Através da observação pessoal, do contato direto com os jovens, procurando estudá-los e compreendê-los, e, principalmente, na análise de seus depoimentos de próprio punho, encontramos as razões que impelem o jovem para a subversão.

Vejamos alguns casos concretos:

1) Em 1972 foi presa uma jovem universitária, em BRASÍLIA. Eis um extrato de seu depoimento:

"Fui criada numa família sem problemas. Nada me faltava; tinha o carinho e o afeto de meus parentes e um razoável padrão de vida (classe média) onde via satisfeitas todas as minhas necessidades materiais.

Nossa família podia ser classificada como uma família de padrão tradicional: o respeito e a obediência aos mais velhos, educação religiosa cristã com missas dominicais quase obrigatórias, aversão aos modismos (cabelos, roupas extravagantes, etc.), hábitos e horários rígidos, etc.

Entre para a Faculdade muito cedo, dezessete para dezoito anos. Fiquei atirrida com o ambiente que encontrei. Não entendia o linguajar de meus companheiros e relutava em aceitar hábitos correntes como fumar coletivamente (eu nem fumava), permitir certas licenciosidades, sair junto com rapazes, usar certos trajes, etc.

Era tachada por meus colegas de "quadrada", "retrógrada" e outros epítetos. Eles evitaram minha companhia e passei a viver numa espécie de "gelo".

Foi então que um companheiro (não é preciso dizer que era subversivo) condeou-se de minha situação e começou a me procurar. Exultei com isso. Ele então foi me ensinando, isto é, doutrinando, a seu modo, para uma nova realidade que eu desconhecia.

Paralelamente a isso os professores faziam sua contribuição: 95% dos livros recomendados eram de autores marxistas. Como perdi uma prova e estava na iminência de ser reprovada numa dada matéria, o professor exigiu de mim uma monografia baseada num livro de autor comunista, com o que me seria dado o grau necessário, o que de fato ocorreu. Eu não tive escolha. Eu não tive alternativa."

2) Em outubro de 1975, foi presa uma jovem militante do PCB, em S. Paulo. Seu depoimento não difere muito do anterior:

"Entre para o curso de Ciências Sociais, da atual Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, em 1968. Já nessa época, preocupava-me com os problemas sociais. Meus pais sempre tiveram situação econômica regular e, como sou filha única, sempre vivi em boa situação. Entretanto, chocava-me a diferença existente entre mim e as pessoas pobres, diferença essa para a qual eu não encontrava explicações. Em parte devido a essa busca de explicações, escolhi fazer o curso de Ciências Sociais.

O ambiente que encontrei no curso foi, porém, muito diferente do esperado por mim. Havia muita agitação e pouco estudo, o que impedia um melhor conhecimento dos problemas. A grande maioria dos alunos participava das assembléias e passeatas que predominaram no ano de 1968. Desta forma, participei também.

Por outro lado, as leituras obrigatórias do curso tinham marcado conteúdo de esquerda. A cadeira de Política era a que mais se destacava nesse sentido,

Lemos, logo no primeiro ano, as seguintes obras, para citar apenas as mais importantes: uma parte da *Ideologia Alemã*, de KARL MARX, outra da *História e Consciência de Classe*, de LUKACS, e alguns capítulos de *O Capital*.

Em 1969, o curso de Ciências Sociais foi transferido para a Universidade, juntamente com os cursos de Letras e Filosofia. Durante o ano de 1968, discutiam-se abertamente, tanto nas dependências do prédio da Rua Maria Antônia — que abrigava os três cursos acima referidos — quanto nos bares adjacentes aos prédios, as teses das organizações esquerdistas. A tese que predominava de modo quase absoluto era a da ALN, de que devia-se lutar para a implantação imediata do socialismo no país, através da luta armada. Desta forma, pouco importava o estudo e a solução dos problemas escolares. Para se realizar qualquer atividade no meio estudantil, era preciso haver, preliminarmente, uma estratégia e uma tática. A estratégia era o socialismo e a tática, a luta armada.

Durante os anos de 1969 e 1970, o ambiente no curso de Ciências Sociais foi extremamente tenso. Todos tinham medo de todos e ninguém conversava com ninguém. As leituras obrigatórias do curso, sobretudo da cadeira de Política, continuaram, porém, a ter acentuado caráter de esquerda. O livro *O 18 Brumário de Luiz Bonaparte*, de KARL MARX, foi o ponto de partida obrigatório para o trabalho final do curso de Política II, em 1969.

Após um seminário realizado no segundo semestre de 1970, um grupo de estudantes, entre os quais eu me encontrava, resolveu reabrir o Centro de Estudos Universitários, Pesquisas e Estudos Sociais — CEUPES, que era o Centro Acadêmico das Ciências Sociais.

Apesar das nossas intenções, não conseguimos pôr em prática nossos objetivos. Toda vez que elaborávamos um plano de trabalho e convocávamos reuniões para debatê-lo, os grupinhos políticos, existentes nas Ciências Sociais conseguiam desviar a discussão para assuntos políticos do seu interesse. Pediam eles que a diretoria do CEUPES definisse uma estratégia e uma tática, em termos políticos, para aí enquadrar as propostas da escola. Como não tínhamos respostas às questões levantadas, os grupinhos consideravam que os nossos planos não eram válidos e o trabalho não se desenvolvia.

A dificuldade que a ausência de uma definição de estratégia e tática traziam para o CEUPES, fez com que eu me interessasse por essas questões.

Entretanto, eu não aceitava as teses sobre estratégia e tática do pessoal das Ciências Sociais, porque todas visavam tirar o estudante da faculdade.

Por volta de julho de 1971, meu ex-marido apresentou-me a JOSÉ MONTENEGRO DE LIMA ("LIMA"), dirigente nacional do Setor Universitário do PCB que passou a conversar continuamente comigo sobre a Universidade, os centros acadêmicos e as idéias do PCB sobre o meio estudantil.

Em dezembro de 1971, resolvi entrar para o PCB. Discuti, então, os Estatutos e a Resolução do VI Congresso do PCB, com JOSÉ MONTENEGRO DE LIMA,

tendo concordado suficientemente com o conteúdo dos documentos para poder militar."

A CAUSA PRINCIPAL: O DESVIRTUAMENTO NA ADOLESCÊNCIA

A adolescência é uma fase crucial na vida do homem. É neste período de sua existência que ele verdadeiramente se encaminha, se orienta, constrói os alicerces, a infra-estrutura de sua vida de adulto. Na adolescência, mais do que nunca, ele precisa de apoio e de orientação. Para uma melhor compreensão, vejamos a definição de *adolescência*, que encontramos na Enciclopédia de Moral e Civismo do MEC (página 13): "Do ponto de vista sócio-cultural, o adolescente apresenta, entre outras, as seguintes manifestações: a) aumento do espírito crítico; b) culto à personalidade; c) preocupação altruística; d) vacilação religiosa; e) afetividade transbordante; f) timidez e arrogância; g) inconformismo; i) variações do excessivo entusiasmo às profundas depressões. Sobre os pais e mestres recai a delicada tarefa de canalizar, convenientemente, todas estas manifestações, ajudando o adolescente a encontrar-se a si mesmo".

No adolescente estão reunidas, numa concentração impressionante, várias, se não todas, das *condições objetivas* para o trabalho dos propagandistas e aliciadores da subversão.

Aliando-se a isso o tremendo poder de penetração e desenvolvimento que atingiu a informática nos dias de hoje, veremos um indivíduo emocionalmente instável, sensível e receptível, profundamente chocado pela diferença entre o mundo perfeito de seus sonhos e a cruel realidade do dia-a-dia.

Esse jovem, nesta situação de desarvoramento e desorientação, torna-se alvo fácil ao propagandista inimigo, ao qual não faltam argumentos tentadores e "soluções milagrosas", sempre aureoladas de "profundo altruísmo" e amor pelos "desvalidos do sistema", de cujas "contradições" tanto gostam de falar.

Isto se passa, afinal de contas, por que a geração de hoje é de transviados? De desajuizados? Ou mesmo, como dizem alguns, "uma geração perdida"? Que já não é como as de antigamente? Pura falácia. Primeiro, porque se assim fosse, a culpa caberia à geração mais antiga, que a educou. Em segundo lugar, não há na realidade, diferença intrínseca alguma entre os jovens de ontem e os de hoje.

As *condições extrínsecas*, essas sim, é que mudaram bastante. De tal sorte, que a situação que o adolescente enfrenta hoje é completamente diferente da que enfrentaram seus pais ou avós. Bastaria lembrar para justificar tal pensamento que, "naqueles tempos", o indivíduo só tinha acesso aos problemas sócio-político-econômicos, na casa dos vinte e poucos anos quando, praticamente, já tinha seu caráter formado pelos padrões educacionais da época e também já tinha atravessado aquela fase de efervescência psico-emocional do adolescente. Em outras palavras, já tinha adquirido uma boa dose de bom senso. O que ocorre hoje em dia é que a visão

das mazelas sociais chega ao jovem mais cedo e numa intensidade nunca antes alcançada ou experimentada pelas gerações mais velhas, atingindo-o em cheio, numa situação de completo despreparo analítico e racional. E os pobres pais que nunca viveram tal problema, nem puderam antever o que ocorreria a seus filhos, estão muitas vezes despreparados para corrigir a distorção surgida. E juntamente com os pais está a própria sociedade.

Acrescente-se a tudo isto, o enorme crescimento do número de indivíduos nos cursos secundários e universitários (que são a própria concentração de adolescentes com acesso ilimitado à informática) e o resultado é fácil de ser previsto.

Os jovens de nossos dias, de uma maneira geral, principalmente os secundaristas e universitários, são indivíduos imensamente mais preocupados e desorientados com os problemas de seu País, do que os de antigamente. E as *gerações mais velhas*, além de não terem sido capazes de prever o problema, ainda os chamam de "geração perdida". Perdida sim, em parte por nós mesmos, os mais velhos, ao tentarmos atribuir toda culpa à eficiência maquiavélica dos propagandistas. Na realidade, o que estes últimos fazem, nada mais é do que trabalhar o terreno fertilíssimo da mente do jovem, aproveitando o vazio deixado pelos responsáveis pela sua formação e educação. Mais do que nunca temos de fazer coro com o autor de "Diagnóstico de Nossos Tempos" (KARL MANHEIN), o apologista da democracia militante, a qual não é apática, nem estática, nem filosoficamente condescendente, mas vigilante, atuante, previdente, educadora, precursora e saneadora. E para com os desajustados e os estrólinas, se preciso for, repetir com JOHN STRACKEY: "A Democracia não deve mais dizer aos subversivos: concedo-vos em nome de meus princípios a liberdade que me negareis em nome dos vossos princípios, a liberdade que me exigis em nome dos meus".

CONCLUSÃO

Este documento procura alertar a todos, sem exceções, autoridades, pais e responsáveis e aos próprios jovens, sobre a grande problemática da juventude e a subversão.

De uma maneira geral, o *aliciamento* do jovem para a subversão decorre, nas áreas estudantis e intelectuais, de frustrações profissionais ou da necessidade de afirmações pessoais.

Os casos citados são exemplos bastante elucidativos de como decorre o processo de aliciamento.

Uma vez *aliciado*, o jovem passa a levar uma vida dupla: uma legal e aberta; a outra, ilegal e clandestina. Nesta, há duas fases distintas: inicialmente, encantos e esperanças; posteriormente, desilusões e desencantos, isto porque, à medida que o jovem se integra na estrutura da subversão, vai percebendo que as coisas não são exatamente como ele queria ou pensava que fossem.

Por outro lado a capacidade de análise e reflexão do jovem é toldada pelo envolvimento emocional, e aos poucos ele vai perdendo a capacidade de indepen-

dência de crítica, pois é bombardeado, diariamente, com centenas de informações através da televisão, do rádio, de jornais e da própria comunicação humana (o que chamamos de informática); porém, a análise dessas informações e da situação internacional, nacional, ou do ambiente onde vive, é realizada, exclusivamente, com militantes, seus companheiros de organização subversiva e dentro da ótica e dos interesses da organização.

Existem centenas e centenas de declarações de próprio punho onde os jovens fazem uma análise do seu envolvimento com as organizações subversivas, onde abordam, inclusive, os motivos que os levaram à subversão.

Para a recuperação desses jovens, seria de todo conveniente que fossem instituídos órgãos específicos, dotados dos meios em pessoal e material, para essas tarefas de magna importância.

Das experiências que mostramos de alguns jovens (e são centenas) fica, para aqueles que convivem com eles, uma demonstração expressiva de que há necessidade de se reformular o relacionamento com os mesmos.

É imperiosa a necessidade de modificações urgentes dos esquemas de aula, principalmente no que se refere à *Educação Moral e Cívica e Problemas Brasileiros*.

As deficiências de nossas Universidades, que são flagrantes, ensejam a existência de "bandeiras" que a subversão levanta e agita, aglutinando os estudantes que reconhecem a validade destas reivindicações que são assim envolvidos pelas organizações comunistas.

É preciso que todos — e aqui ressaltamos os pais e responsáveis — encarem com maior seriedade o problema do combate à atuação comunista no meio estudantil, único caminho, efetivamente eficiente, para aliviar a carga de trabalho que atualmente sobrecarrega os dispositivos destinados à manutenção da ordem interna.

Ainda resta alertar àqueles que, numa conclusão simplista, acham que o despreparo político da esquerda é um mal crônico e motivo para suspirarem aliviados, na certeza de que, por isso mesmo, nunca ela conseguirá sucesso. O que é um erro grosseiro, pois muito mais que um mal crônico a subversão é um atestado de uma deficiência de nossa parte. Em vez de nos regozijarmos ante uma possível fraqueza da esquerda, devemos nos convencer de que necessitamos tratar dessa ferida que, se deixada como está, poderá não vir a tomar todo o corpo, mas também é verdade que jamais se fechará. Por que então deixarmos que ela permaneça, ou mesmo que se multiplique, se dispomos de um antisséptico eficaz que é a informação e a orientação?

Abordamos exclusivamente o problema dos jovens universitários, que representam a grande massa de subversão em nossa Pátria. Guardadas as devidas proporções, o problema é o mesmo entre os jovens estudantes do 1º e do 2º graus, bem como entre os jovens operários.